

MARIA FIRMINA DOS REIS E LUIZ GAMA: PRECURSORES DA LITERATURA NEGRA*

Shirley FERREIRA[√]
Anderson Pires da SILVA^{√√}

RESUMO

Este artigo apresenta e discute a importância dos livros **Úrsula** (1859), de Maria Firmina dos Reis, e **Trovas Burlescas de Getulino** (1859), de Luiz Gama, para a configuração da Literatura Negra Brasileira. Esses escritores são considerados precursores desse veio literário que só se consolidaria, de fato, no final do século XX, diante do surgimento de leitores e pesquisadores negros. Os autores têm em comum o ativismo político abolicionista, mas discutiam o sistema escravista por diferentes flancos, devido às suas trajetórias e experiências pessoais. As duas obras analisadas, que abordam os dramas da escravidão, são marcadas por um discurso crítico e acusador do sistema socioeconômico do Brasil no século XIX, e particularmente de todos aqueles que se beneficiavam da exploração da mão de obra escrava, o que ia contra os cânones literários que prestigiavam a ideologia europeia. Para demonstrar tais características, procedemos a uma análise de trechos das duas obras e recorreremos, também, às reflexões de alguns teóricos contemporâneos, como Lobo (1993), Duarte (2009) e Evaristo (2011), entre outros, para embasar nossa argumentação.

Palavras-chave: Romantismo. Romance brasileiro. Precursores. Literatura Negra.

* Artigo recebido em 08/03/2020 e aprovado em 27/05/2020.

[√] Doutoranda em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Atua como ilustradora, organizadora e escritora de livros.

^{√√} Doutor em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Professor adjunto da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

1 INTRODUÇÃO

As décadas de 1960 e 1970 se caracterizaram pela efervescência política, social e cultural no Brasil (IANNI, 2011). Acompanhando tal situação, diversos atores sociais ganharam a cena pública, trazendo consigo reivindicações específicas. Esse movimento provocou profundas reflexões acerca do caráter identitário da Literatura Brasileira, questionando uma escrita autoral predominantemente branca cuja voz representativa não trazia o negro e sua cultura como objeto de discussão. Nesse processo de ruptura, inevitavelmente, era de se interrogar o próprio conceito de **Literatura Brasileira**, sendo cunhado outro termo, mais apropriado aos propósitos de autores e autoras afrodescendentes: a chamada Literatura Negra. Para Ianni (2011, p. 194),

A literatura negra não surge de um momento para outro, nem é autônoma desde o primeiro instante. É um imaginário que se forma, articula e transforma no curso do tempo, movimentando-se sob a influência dos dilemas do negro e das invenções literárias. Como tema e sistema, ela se desloca aos poucos da história social e cultural brasileira, adquirindo fisionomia própria. Decanta-se e desencanta-se pela originalidade e força do movimento social do negro.

Nesse contexto, várias escritoras e escritores, pesquisadoras e pesquisadores negros anunciaram e discutiram o seu pertencimento racial. A situação de opressão e marginalização ganhou novos porta-vozes e passou a ser denunciada. Emergiu, assim, um modo engajado de conduzir as produções acadêmicas e literárias, a partir do lugar de pertencimento do intelectual afrodescendente. Obras literárias e estudos acadêmicos surgiram ante a expectativa da formação de um público receptor, interessado na construção da sua identidade étnica (PEREIRA, 2010). Ao mesmo tempo, as várias vertentes do Movimento Negro possibilitavam uma atuação política mais organizada da população negra. As autoras e os autores passaram a explorar temáticas de protesto em suas narrativas, de modo a fomentar ou consolidar uma consciência crítica nos leitores (EVARISTO, 2007).

Para que esse veio literário se distinguisse de outras vertentes, passou a ser referido pelo rótulo de Literatura Negra, conforme mencionado anteriormente. O objetivo maior era desvendar a história das diversas linhagens de afrodescendentes existentes no país, o que contribuiria para a compreensão da história do próprio país

e dos seus habitantes. Essas obras – sejam elas contos, peças de teatro, poesia, crônicas ou romances – oferecem outra cartografia da literatura brasileira, trazendo o negro como sujeito-autor da sua história, o que nos permite adotar uma nova perspectiva e formular novos conceitos relacionados à participação dos afrodescendentes na construção da nação brasileira.

Posto isso, cabe ressaltar que o rol de precursores ou fundadores dessa vertente literária tem aumentado consideravelmente nos últimos anos. Isso se deve a novos achados ou a novas interpretações, à medida em que mais pesquisadores se debruçam sobre fontes ainda pouco ou nada examinadas ou, sobretudo, quando os estudiosos do presente reinterpretem estudos e conclusões de outrora.

Neste artigo, com base em certas formulações conceituais, pretendemos destacar duas obras como precursoras da Literatura Negra: o romance **Úrsula** (1859), de Maria Firmina dos Reis (1822-1917), e as poesias de Luiz Gama (1830-1882) impressas no livro **Primeiras trovas burlescas de Getulino** (1859). Almejamos, ainda, chamar a atenção para a ousadia desses escritores, cujas obras apareceram em pleno regime escravocrata. É importante salientar que, embora reconheçamos a importância de outras obras e autores, faremos um recorte limitado a esses dois livros por questões de espaço limitado no texto, deixando outros aspectos a serem explorados em trabalhos futuros.

2 SOBRE MARIA FIRMINA E LUIZ GAMA

2.1 MARIA FIRMINA

Maria Firmina dos Reis é uma autora que viveu e escreveu à margem do cânone, sendo redescoberta somente na segunda metade do século XX, pelo historiador Horácio de Almeida, como nos informa Luiza Lobo (1993). Ela é considerada, por vários estudiosos, como a primeira romancista brasileira (DUARTE, 2005; TELLES, 2012). O interesse pela vida e obra firminiana tem gerado artigos e livros, além de dissertações e teses acadêmicas, contribuindo para a consolidação da fortuna crítica da autora.

A escritora nasceu em São Luís, Maranhão, em 11 de março de 1822. Mudou-se aos 5 anos para a Vila de São José de Guimarães, no atual município de

Guimarães (MA), onde se estabeleceria. Pobre e filha bastarda, de Leonor Felipe dos Reis e de João Pedro Esteves, cresceu em uma casa constituída só por mulheres. Durante parte da vida, morou com uma tia materna que possuía recursos e, talvez por esse motivo, tenha recebido uma educação mais favorecida, considerando-se a condição material e de moradia que lhe era ofertada. Sendo autodidata, formou-se professora e foi a primeira negra a atuar na instituição pública como concursada. Foi, ainda, responsável pela fundação de uma escola mista, em que filhos de lavradores e de donos de terras da região estudavam juntos, o que causou um escândalo no território local. Mesmo solteira, adotou dez filhos (MOTT, 1991).

Firmina produziu uma obra literária variada, que inclui charadas, letras de música, adivinhas, registros do folclore local e poemas. Militou na imprensa, publicando poemas em vários jornais – dentre os quais, **Eco da Juventude, A verdadeira Marmota, Semanário Maranhense, Jardim Maranhense, Pacotilha e O País**. Escreveu o romance abolicionista **Úrsula** (1859), a novela indianista **Gupeva** (1861), o livro de poemas **Cantos à beira-mar** (1871) e o conto antiescravista *A escrava* (1887). Há, ainda, fragmentos de manuscritos, como o chamado **Álbum** (1853-1903) – ou **Álbum de Recordações** (MORAIS FILHO, 1975) –, tido como “o primeiro diário íntimo escrito por uma mulher já publicado no Brasil” (ZIN, 2018, p. 192).

No Maranhão oitocentista, o mundo das letras era quase exclusivamente masculino. Firmina rompeu com isso. Ela subverteu a ordem estabelecida, produzindo narrativas permeadas por problemas do seu tempo, como o tratamento discriminatório que era dispensado às mulheres. Para uma escritora negra, isso era algo praticamente inimaginável. Apesar de toda essa rica e variada produção literária, morreu pobre e esquecida, em 1917 (LOBO, 1993).

2.2 LUIZ GAMA

O único documento conhecido a respeito do poeta baiano Luiz Gama é uma carta, datada de 25 de julho de 1880, escrita por ele e endereçada ao jornalista Lúcio de Mendonça, como relata a pesquisadora Ligia Fonseca Ferreira (2011), estudiosa da vida e obra do autor. Diz ali que nasceu em 21 de junho de 1830, filho

de Luíza Mahin, uma negra africana livre que teria participado de várias revoltas dos escravos, incluindo a Sabinada. Seu pai, cujo nome sempre foi ocultado, seria um fidalgo branco pertencente a uma tradicional família baiana de origem portuguesa. Adepto de jogos de azar e farras, vivia endividado. Em uma tentativa de sanar algumas dívidas, teria vendido o próprio filho, quando este contava então com dez anos de idade.

Como resultado desse incidente, o garoto foi levado para o Rio de Janeiro. Revendido, foi posteriormente levado para São Paulo por um negociante, em cuja casa viveu durante anos. Quando contava com 17 anos de idade, Gama foi alfabetizado por um hóspede do senhor a quem servia. O ingresso no mundo das letras aguçou o seu inconformismo diante das agruras da escravidão, levando-o a reunir provas de que nascera livre. Como essa condição não foi reconhecida por seu alferes, ele teria fugido do cativo, ingressando no serviço militar. Permaneceu lá durante seis anos, vindo então a ser expulso em decorrência de atritos com um oficial que o havia insultado (FERREIRA, 2011). De volta à vida civil, exerceu vários ofícios, como escrivão, jornalista e advogado prático. Foi um dos pioneiros do Centro Abolicionista de São Paulo, atuando em prol da libertação de mais de 500 cativos. Em 1859, publicou **Primeiras trovas burlescas de Getulino**, seu único livro, que foi um sucesso, a ponto de uma segunda edição aparecer ainda em 1861.

Luiz Gama faleceu em 24 de agosto de 1882, seis anos antes de a abolição ser consumada. Tinha 52 anos. Seu enterro foi um acontecimento e tanto: milhares de paulistanos foram às ruas dar um último adeus àquele que dedicou a vida à causa abolicionista (SANTOS, 2010).

3 SOBRE O ROMANCE *ÚRSULA*

Publicada em 1859, **Úrsula** é uma obra do período romântico que explora uma gama de elementos – perseguições, assassinatos, insanidade mental etc. Há, também, uma exaltação da natureza equatorial maranhense, permeada por um vocábulo lírico, muito típico do momento literário. O enredo tece uma história de amor impossível entre Úrsula e Tancredo. A donzela e o mancebo são jovens brancos personificados pelo imaginário romântico de virtude, moral e pureza (LOBO, 1993).

A personagem Úrsula é descrita no romance como um anjo de beleza e de candura, cujos cabelos emolduravam-lhe a face branca. Já o mocinho é o jovem Tancredo, que é um advogado de família rica. A bondade geral dos personagens contrasta com a maldade do vilão da história, o comendador Fernando P., que é tio e pretendente da mocinha. Há indícios, no desenrolar da trama, de ter sido ele, no passado, o assassino do pai da donzela. Ele é um senhor de posses, dono de muitas terras e escravos. Estes são habitualmente maltratados com afinco e esmero:

[À] noite trabalhavam ordinariamente até ao primeiro cantar do galo. Esfamados, seminus, espancados cruelmente, suspiravam pelas duas ou três horas desse sono fatigado, que lhes concedia a dureza de seu senhor. (REIS, 2004, p. 166)

A mãe de Úrsula, dona Luisa B..., é irmã de Fernando P. Outrora uma bela mulher, depois de muitos desgostos e sofrimentos causados pelo marido e também pelo irmão, ficou parálitica e está à beira da morte. Anos antes, havia tido muitos escravos. No final da vida, contava apenas com a companhia do escravo Túlio, um personagem com doses generosas de bondade e caráter. O jovem é tratado como filho pela personagem Susana, uma escrava mais velha que, arrancada de suas origens, não pôde criar a própria filha. Amparando e aconselhando a todos que a procuram, sem jamais se curvar à tirania do senhor, Susana é um referencial de resistência e força moral. Há ainda o bondoso Antero, um escravo dominado pelo alcoolismo, um lenitivo para aplacar as saudades de sua terra natal.

No desenrolar da trama, os personagens secundários ganham visibilidade e importância. Um pouco de luz é lançado sobre a história de cada um dos escravos, de modo que o leitor possa conhecer a personalidade deles. Sobre as vozes desses personagens, Nascimento (2009, p. 101) comenta:

Túlio, a preta Susana e Antero agregam caracterizações morais que os diferem dos estereótipos articulados pelos processos culturais e literários do século XIX, sua função de personagens impõe à narrativa acontecimentos que não seriam possíveis caso fossem construídos de outra maneira. (...) Suas vozes aparecem em dissonância com os discursos históricos e literários tradicionais, porque se caracterizam como africanas e persuasoras, e não aparecem apenas como vozes de escravos, que aceitam a subordinação ao poder patriarcal e escravocrata.

Nessa perspectiva, o romance é carregado de enunciados tensos, ao apresentar a vida do povo africano no passado e o tratamento dispensado a eles a partir da diáspora. Assim, a autora, para sensibilizar o público leitor, insere na fala de quase todos os personagens as crenças e os valores do catolicismo, no sentido de questionar o comportamento omissivo e legitimador da Igreja quanto à escravidão. É importante destacar que durante o século XIX muitas capelas e igrejas foram erguidas dentro das fazendas dos senhores de engenho. O trecho abaixo evidencia essas estratégias:

Senhor Deus! quando calará no peito do homem a tua sublime máxima – ama a teu próximo como a ti mesmo – e deixará de oprimir com tão repreensível injustiça ao seu semelhante!... a aquele que também era livre no seu país... aquele que é seu irmão?!

E o mísero sofria; porque era escravo, e a escravidão não lhe embrutecera a alma; porque os sentimentos generosos, que Deus lhe implantou no coração, permaneciam intactos, e puros como a sua alma. Era infeliz; mas era virtuoso [...]. (REIS, 2009, p. 22-23)

Ancorado não somente na perspectiva cristã, esse fragmento confere-se, também, ao enunciado do sujeito escravo como um homem de caráter **virtuoso**, de **alma pura** e com **sentimentos generosos**. Ressalta-se a importância da reconfiguração dos corpos escravizados no romance, ante aos estereótipos sociais que foram construídos, nos textos canônicos, aos negros, como seres embrutecidos que viviam no limiar da animalidade.

O primeiro capítulo do livro, intitulado como **Duas almas generosas**, começa contando que Tancredo estava vagando pelo sertão, após uma grande desilusão amorosa. Inconsolável com essa traição, ele cavalga por muitos dias, levando o cavalo à exaustão completa, até que o animal acaba caindo morto. Na queda, o cavaleiro fica gravemente machucado e desmaia. O jovem branco fica à mercê da sorte, sendo encontrado por Túlio, o escravo da família de Úrsula. O negro se compadece e socorre o rapaz; com muita dificuldade, leva-o para a fazenda, onde viviam a donzela e sua mãe. Tancredo, ao despertar, depara-se com o escravo e vê nele um homem bom: “apesar da febre [...] num instante de íntima e generosa gratidão o mancebo, arrancando a luva, que lhe calçava a destra, estendeu a mão ao homem que o salvara” (REIS, 2018, p. 34). Desse encontro nasce uma grande amizade entre os dois. Essa passagem no texto, de tamanha afetividade entre os

dois homens – um branco e o outro negro – talvez possa ser vista como um simples acontecimento, sem importância, mas, por trás desse discurso, é possível perceber que representa o desejo, da autora, de uma sociedade mais fraterna, unificada pelas raças.

O ímpeto de Maria Firmina em fazer do seu romance um lugar onde os ensaios narrativos oscilam entre a denúncia da autoridade dos homens brancos a respeito dos negros cativos e o sentimento de alteridade está presente no diálogo do jovem cavalheiro: “Túlio meu amigo, eu avalio a grandeza de dores sem lenitivo, que te borbulha na alma, compreendo tua amargura, e amaldiçoo em teu nome ao primeiro homem que escravizou seu semelhante” (REIS, 2018, p. 35). Ao ouvir essas palavras, o escravo não se conteve de tanta alegria; afinal, era a primeira vez que um homem branco lhe tratava com tamanho apreço. E responde:

- Ah! Meu senhor – exclamou o escravo enternecido – como sois bom! Continuai, eu vô-lo suplico, em nome do serviço que vos presto, e a importância quereis dar, continuai, pelo seu, a ser generoso, e compassivo para com todo aquele que, como eu, tiver a desventura de ser servil e miserável escravo! Costumados como estamos ao rigoroso desprezo dos brancos, quanto nos será doce vos encontrarmos no meio das nossas dores! Se todos eles, meu senhor, se assemelhassem a vós, por certo mais suave nos seria a escravidão (REIS, 2009, p. 29)

A expressão “miserável escravo” dita pelo negro se articula com o discurso anunciado no prólogo do romance, que traz consigo a intenção de destacar a relação de poder entre dominante e dominado na sociedade. Túlio usa da “aparente” bondade como uma maneira de se livrar da condição de escravo para trabalhar como um homem liberto.

Maria Firmina não caracteriza Túlio com nenhum traço negativo pelo fato de ser negro ou pela sua condição de cativo, o que se diferencia muito de outras prosas. Ela confere ao jovem negro um *status* de ser humano elevado, temente a Deus e semelhante a um cavaleiro medieval. Ele está em pé de igualdade com os padrões morais da sociedade, sendo comparável ao mocinho branco da história – o que subverte os parâmetros literários do Romantismo brasileiro.

Um capítulo inteiro também é dedicado a falar sobre a vida de Susana, uma mulher de origem africana que nasceu livre em sua terra natal. É descrito o seu cotidiano feliz ao lado da família e dos amigos; uma comunidade estruturada, em que os sujeitos possuem direitos, mas também deveres para com os seus

semelhantes. Tudo muda depois que ela é capturada pelos seus sequestradores, sendo trazida para o Brasil. O trecho abaixo descreve o enorme sofrimento ao qual os negros eram submetidos ao serem escravizados:

Para caber a mercadoria humana no porão fomos amarrados em pé e para que não houvesse receio de revolta, acorrentados como os animais ferozes das nossas matas, que se levam para recreio dos potentados da Europa. Davam-nos a água imunda, podre e dada com mesquinhez, a comida má e ainda mais porca: vimos morrer ao nosso lado muitos companheiros [...].Da escotilha lançaram sobre nós água e breu fervendo, que escaldou-nos e veio dar a morte aos cabeças do motim. (REIS, 2004, p. 97)

Seria a primeira vez que o sequestro de negros africanos, para serem escravizados em terras brasileiras e tratados como objetos ou como subumanos, surgiria em nossa literatura, e sendo descrito por uma mulher afrodescendente. Ao narrar com detalhes os fatos ocorridos nos porões do navio negreiro, a preta Susana passa a ser a porta-voz de Maria Firmina – uma estratégia para denunciar as barbaridades daquele sistema que subjugava as pessoas de cor na diáspora africana. Mostra, assim, de modo crítico, inteira discordância do poder estabelecido da sua época, “revelando, dessa maneira, a qual segmento daquela estrutura social ela se filia” (ZIN, 2019, p. 58-59). O romance de Maria Firmina expressa a sua indignação diante daquele sistema socioeconômico e do pensamento hegemônico do Brasil oitocentista.

É digna de nota, ainda, a maneira como a autora caracteriza as personagens negras em sua narrativa: cada uma delas é individualizada, e todas são portadoras de sentimentos e reações perante o sofrimento do cativo:

Susana chamava-se ela; trajava uma saia de grosseiro tecido de algodão preto, cuja orla chegava-lhe ao meio das pernas magras e descarnadas como todo o seu corpo: na cabeça tinha cingido um lenço encarnado e amarelado, que mal lhe ocultava as alvíssimas cãs. (Reis, 2009, p. 112)

Nesse sentido, como discutimos anteriormente com relação ao personagem Túlio, observa-se que a imagem feminina da personagem também diverge dos padrões corporais extravagantes imputados às pessoas negras nos demais textos da sua época. A autora apresenta Susana como uma senhora desgastada pela dor da separação dos entes queridos, pelo sequestro da sua terra natal e pelo tratamento cruel no cotidiano do cárcere. O forte discurso antiescravagista da

personagem, em seu conteúdo, traz uma denúncia do homem branco, que reduz a humanidade do negro para justificar seu aprisionamento e sua comercialização.

A figura da preta Susana se destaca quando Túlio comenta, feliz, que ganhou dinheiro de Tancredo ao salvá-lo do acidente, e que com ele compraria sua carta de alforria. Liberto, iria acompanhá-lo em uma viagem para resolver alguns assuntos. Seria a primeira vez que o escravo se afastaria da casa em que crescera. Ao mesmo tempo, ele é tomado por uma melancolia, seu coração estava apertado. Incrédula, a mulher negra explica ao jovem o que é a liberdade:

- Tu! tu livre? ah não me iludas! – exclamou a velha africana abrindo uns grandes olhos. Meu filho, tu és já livre?...

- Iludi-la! – respondeu ele, rindo-se de felicidade – e para quê? Mãe Susana, graças à generosa alma deste mancebo sou hoje livre, livre como o pássaro, como as águas; livre como o éreis na vossa pátria. Estas últimas palavras despertaram no coração da velha escrava uma recordação dolorosa [...] (REIS, 2009, p. 114).

O questionamento de Susana a Túlio, em tom de ironia, faz sentido. Ele podia se sentir livre, mas, sendo um homem negro, jamais seria respeitado naquela sociedade, mesmo alforriado. Aquele era o Brasil em pleno século XIX, sob o domínio de um sistema escravocrata. Susana demonstra ter consciência do verdadeiro conceito de liberdade e confronta suas vivências na África e no Brasil.

A memória ancestral africana não está evidenciada somente nessa personagem, mas também aparece na voz do escravo Antero, cuja função é tomar conta da casa do Comendador P. Ele parece ser um sujeito bom, porém, desgostoso com a vida, entrega-se ao vício do álcool. A imagem construída no texto é a de uma figura que perdeu a autoestima e a credibilidade perante as outras pessoas. Túlio, em tom moralizante, tenta aconselhar o homem: “Que mau vício em verdade, pai Antero... Sempre a fumar, e a beber. Não vos envergonhais de semelhante procedimento? Que conceito fará de vós o senhor comendador?” (REIS, 1859, p. 172). O velho africano é implacável na sua resposta:

Pois ouça-me, senhor conselheiro: na minha terra há um dia em cada semana que se dedica à festa do fetiche, e nesse dia, como não se trabalha, a gente diverte-se, brinca e bebe. Oh, lá então é vinho de palmeira mil vezes melhor que a cachaça, e ainda que tiquira. (REIS, 1859, p. 173)

O diálogo dessa personagem pode representar uma provocação da autora, para mostrar ao leitor como as tradições africanas foram apagadas no contexto da colonização. A lembrança da cachaça remete a uma prática cultural na África, vinculada aos momentos de lazer do homem trabalhador. O vício do velho escravo contribui, no texto de Firmina, para fazer uma contraposição de valores entre os sujeitos. Aos que vivem em liberdade, através do seu ofício é garantido o poder de escolha e compra. No Brasil, a escravidão faz o homem perder sua dignidade, sendo considerado um fracassado; como válvula de escape, ele busca essa bebida alcoólica de péssima qualidade para consolar toda a sua amargura e tristeza.

Essas reflexões vão ao encontro da opinião de Zahidé Lupinacci Muzart (2018), segundo quem a voz negra na literatura teria se iniciado com Maria Firmina e suas denúncias dos males da escravidão, não com o olhar distanciado que caracterizava outros autores do seu tempo. Na condição de mulher negra e pobre, ela deve ter sofrido muita discriminação por parte dos circuitos literários da época. A obra **Úrsula** pode ser descrita como abolicionista e pioneira. E mais: é o testemunho de quem escreveu sobre o que viu ou viveu. “Por isso, muitos desses textos ficaram esquecidos e negligenciados, pois trazem um tom de agravo pessoal frente às inúmeras injustiças que sofreram” (MUZART, 2018, p. 34).

Tal perspectiva nos ajuda a pensar sobre o imaginário discursivo que a “razão negra europeia” construiu a respeito das civilizações africanas, uma narrativa segundo a qual as populações nativas da África – de resto tão diferentes (física e culturalmente) dos europeus – eram destinadas a servir. Afinal, aqueles eram povos selvagens, perigosos e amorais – ou, para resumir em uma palavra, não humanos. Tal distorção ideológica, presente em boa parte da literatura do século XIX, serviu bem como ferramenta legitimadora de exploração (MBEMBE, 2014).

Ponto de vista semelhante foi defendido por Edward Said (2007), embora ali a questão envolvesse a distinção entre **Ocidente** e Oriente. O historiador estadunidense de origem palestina identifica vários estereótipos que os europeus construíram a respeito dos orientais. Os estereótipos, uma espécie de imagem invertida refletida no espelho, seria um modo de legitimar o eurocentrismo. O Ocidente (notadamente a Europa) seria racional, desenvolvido e superior, enquanto o Oriente seria irracional, atrasado e inferior. De modo semelhante, as pessoas

negras eram caracterizadas pelas elites brancas de modo a naturalizar – e, portanto, legitimar – a escravidão.

As narrativas produzidas por mulheres negras da época, que abrangem “a memória de uma migração forçada, a escravidão, violência, dominação colonial e o deslocamento” (TOLEDO, 2018, p. 143), podem ser vistas como um artifício de rebeldia diante das agruras do dia a dia. Assim, ao se inserir em um círculo marcado pela presença masculina, com sua escrita ousada, transgressora e de acentuado teor político, Maria Firmina estaria inserindo também as mulheres brancas vitimadas pela ordem masculina e senhorial. Chamava, com isso, a atenção para as injustiças de uma sociedade que era, ao mesmo tempo, escravocrata e profundamente patriarcal. Seus escritos se converteram em uma arma de denúncia e resistência, rompendo com preconceitos e distorções que apontavam para a incapacidade criativa de negros e mulheres.

Para Conceição Evaristo (2011), a escritora maranhense integraria a lista dos precursores da literatura negra (ou afro-brasileira), pois sua narrativa tem um caráter emancipatório, ao construir um outro lugar de fala, diferente do dos abolicionistas hegemônicos da literatura brasileira de então. Firmina lança mão de sua própria vivência para falar do papel social destinado às mulheres – e às mulheres negras em particular. As concepções de Evaristo (2011) estão de acordo com a visão defendida neste artigo, com o pressuposto de que Firmina imprimiu em sua obra o seu ponto de vista a respeito do contexto social em que vivia. Nesse sentido, o conceito de “escrevivência” bem se aplicaria aos seus escritos, pois, nessas narrativas, o “*corpus* se constituiria como uma produção escrita marcada por uma subjetividade construída, experimentada, vivenciada a partir da condição de homens negros e de mulheres negras na sociedade brasileira” (EVARISTO, 2011, p. 131).

Evaristo (2011) ainda afirma que, no interior dessa corrente literária negra, haveria uma vertente feminina. No âmbito da historiografia e da literatura brasileira, as escritoras negras seriam um grupo duplamente marginalizado – ora por serem mulheres, ora por serem negras. Desse modo, ressalta a importância da subjetividade da autora na construção do texto literário, elaborando o conceito de “escrevivência” – o ponto de vista da mulher negra é exclusivo, diferente do ponto de vista do homem ou da mulher branca:

Em síntese, quando escrevo, quando invento, quando crio a minha ficção, não me desvencilho de um corpo-mulher-negra em vivência e que por ser esse o meu corpo, e não outro, vivi e vivo experiência que um corpo não negro, não mulher, jamais experimenta. (EVARISTO, 2011, p. 132)

Visando situar e ressaltar a escrita de Maria Firmina, caberia evocar ainda o conceito de “literatura menor” de Deleuze & Guattari (1977). Os autores argumentam que certas produções literárias vão além dos limites da linguagem, sendo capazes de promover o desenvolvimento de uma nova consciência e sensibilidade. Segundo eles, a literatura menor – como seria o caso das obras de Firmina – teria a função de transgredir a ordem vigente, abrindo caminho para os grupos minoritários. Três propriedades caracterizariam tal literatura:

[D]esterritorialização da língua, a ramificação do individual no imediato-político, o agenciamento coletivo de enunciação. Vale dizer que “menor” não qualifica mais certas literaturas, mas as condições revolucionárias de toda literatura no seio daquela que chamamos de grande (ou estabelecida). (DELEUZE & GUATTARI, 1977, p. 28)

Os autores citam como exemplo a produção literária de Franz Kafka (1883-1924). Segundo eles, o escritor tcheco forjou um novo idioma no seio da língua oficial alemã: uma mistura de tcheco e ídiche, a língua falada entre os judeus da Europa Central e Oriental. Subverter a língua oficial seria um modo de não reconhecê-la. Desse modo, a literatura kafkaniana adquire um caráter político e contestador.

Além do seu estatuto de literatura menor, alguns outros fatores costumam ser evocados para explicar o “esquecimento” de Maria Firmina, a começar pelo fato de ser mulher, pobre e negra e viver distante dos grandes centros culturais (PINTO-BAILEY, 2018). Há ainda quem considere que os seus textos estavam na contramão da ordem estabelecida; por conseguinte, “uma espessa cortina de silêncio envolveu a autora ao longo de mais de um século” (DUARTE, 2009, p. 265). A redescoberta tardia talvez explique porque alguns dos principais historiadores da literatura brasileira, como Sílvio Romero, Afrânio Coutinho e Antonio Candido, ignoraram o nome dela (ZIN, 2018).

Na opinião de Telles (2012, p. 57), todavia, “em geral, na crítica brasileira, as mulheres registradas são consideradas escritores menores”. Estudando romances de autoria feminina no Brasil oitocentista, Telles (2012) argumenta que as autoras de

então – Maria Firmina entre elas – desestabilizaram o discurso dominante, que subjogava as mulheres, por meio de “temas, reflexões, análises críticas, ironias, observações perspicazes e seus posicionamentos sociais, políticos e éticos” (p. 18). Ela, ainda, identifica elementos góticos no romance **Úrsula** e suspeita que isso se deva à leitura de obras da escritora inglesa Ann Radcliffe (1764-1823). Nesse tipo de literatura, castelos, mansões e antigas abadias eram descritos como espaços fantasmagóricos. As heroínas viviam “[...] presas em cárceres subterrâneos por criminosos, de monges debochados, uma caricatura do mundo feudal [...]” (CARPEAUX, 1978, p. 301). Tais narrativas, dado o seu teor incivilizado, se contrapunham aos clássicos. Os personagens manifestam traços depressivos, idealizam a morte; cenas de amor, incesto, loucura, alucinação ou pesadelos são comuns. Esses temas são recorrentes na obra literária de Firmina.

É importante reconhecer que ao longo da nossa história literária houve autores e autoras que não se silenciaram em suas obras, enfrentando às tiranias cristalizadas cometidas contra as mulheres, os escravos e seus descendentes na sociedade. E entre essas vozes está Maria Firmina, assumindo essa atitude política a favor dos oprimidos em pleno Maranhão oitocentista.

4 SOBRE A POESIA DE LUIZ GAMA

O gênero satírico da obra de Luiz Gama gira em torno da temática do branqueamento cultural dos mulatos de seu tempo e entorno social. Seus versos se enveredam pelo caminho da denúncia, com críticas explícitas às camadas sociais dominantes do Brasil Império. Devido à sua ousadia, o autor despertou admiração e respeito entre aqueles que compartilhavam do mesmo método de luta que ele propagava (CÂMARA, 2010).

Seu trabalho poético significou um grande triunfo para Luiz Gama, sendo tomado como uma superação diante da fase atribulada da infância e juventude que o autor vivenciou. Isso porque, pouco mais de uma década antes, ele ainda estava na ilegalidade do cativo, pois nascera livre e era analfabeto. Há de se pensar que sua trajetória o tornaria mais um negro entre tantos, mas Gama conseguiu superar e defender os seus ideais democráticos frente à elite paulista. A poesia e os discursos públicos o ajudaram a fomentar uma rede de relações, tanto no meio literário como

no mundo senhorial. Tais ligações lhe permitiram expressar sua sede de justiça e, segundo Azevedo (1999, p. 79), “propagar aos homens ‘cultos’, da mais fina flor da sociedade paulista, os princípios políticos aos quais ele e tantos outros haviam aderido”.

Para Brandão (1988), a produção literária de Luiz Gama floresceu em meados do Romantismo, caracterizando-se ainda hoje como um importante registro capaz de expressar o dilema racial que o próprio autor vivenciou. Seus versos satíricos dão uma ideia de como se sentia um intelectual negro no século XIX, mantido à margem da sociedade. Exemplo disso pode ser encontrado no poema **Num álbum**:

Ciências e letras
 Não são para ti;
 Pretinho da Costa
 Não é gente aqui. [...]

Não quero que digam
 Que fui atrevido;
 E que na ciência
 Sou intrometido.

Desculpa, meu caro amigo,
 Eu nada te posso dar;
 Na terra que rege o branco
 Nos privam té de pensar!...

Ao peso do cativoiro
 Perdemos razão, e tino,
 Sofrendo barbaridades,
 Em nome do Ser Divino!!
 (GAMA, 1859, p. 32-3)

Seus versos expunham o preconceito que havia no mundo dos intelectuais brancos do oitocentismo literário, mesmo entre aqueles que integravam os círculos abolicionistas. Em razão do posicionamento radical a respeito da libertação dos escravos, ele acumulou alguns desafetos entre seus pares. Até certo ponto, sua participação em círculos que discutiam o processo escravocrata era aceita em razão do sucesso que ele tinha nos tribunais, ganhando casos a favor da soltura de escravos (FERREIRA, 2011). Nas entrelinhas, porém, era tido como um **intrometido** – um sujeito que estava ocupando um lugar que de fato não lhe pertencia.

A respeito dos versos supracitados, somos levados a pensar na exclusão dos negros das escolas e na falta de liberdade de expressão imposta pelo governo imperial a essa parcela da população. O trecho faz críticas, também, ao papel da

Igreja diante dos sofrimentos impostos aos escravos. Essa instituição, com base na história de Caim, via os castigos e as privações como purgações (no fim das contas, portanto, como um benefício) impostas aos pecadores. Segundo Sílvio Oliveira (2006, p. 58),

Havia a crença de que Caim seria o herdeiro legítimo de todas as dores da escravidão, iniciador da raça submissa de Canaã, raça do deserto, expulsa do paraíso hebreu. Para alguns, Canaã devia localizar-se onde hoje situa-se a Etiópia. Por isso, a associação com o escravo negro foi estabelecida.

De modo contundente, Luiz Gama lançou farpas e alfinetou diversos elementos da sociedade imperial. A maioria dos poemas do livro **Primeiras trovas burlescas de Getulino**¹ aplica adjetivos negativos aos brancos, advertindo que muitos deles defendem a continuidade do sistema escravocrata, visando os seus próprios interesses econômicos (SANTOS, 2010). No famoso poema *Quem sou eu?*, ele descreve o tipo:

Os birbantes mais lapuzes,
 Compram negros e comendas,
 Têm brasões, não – das Calendas,
 E, com tretas e com furtos
 Vão subindo a passos curtos;
 Fazem grossa pepineira,
 Só pela arte do Vieira,
 E com jeito e proteções,
 Galgam altas posições!
 (GAMA, 1861, p. 139)

Entre as expressões usadas para qualificar os integrantes da elite dominante, encontramos “barões da traficância”, “juízes da trapaça”, “doutores burrecos”. Elas chamam a atenção para certos privilégios de que aqueles indivíduos desfrutavam na sociedade de então. O autor, “sempre vigiando”, denunciava as estruturas sociais que refletiam a ordem econômica estabelecida.

Amo o pobre, deixo o rico,
 Vivo como o Tico-tico;
 Não me envolvo em torvelinho,
 Vivo só no meu cantinho:
 Da grandeza sempre longe

¹A primeira edição, reunindo 25 poemas, foi publicada em 1859. A segunda, com 39 poemas, apareceu em 1861. Esta última, em suas páginas finais (p. 191-252), abriga ainda 10 poemas de José Bonifácio, o Moço.

Como vive o pobre monge.
 Tenho mui poucos amigos,
 Porém bons, que são antigos,
 Fujo sempre à hipocrisia,
 À sandice, à fidalguia;
 Das manadas de Barões?
 Anjo Bento, antes trovões.
 Faço versos, não sou vate,
 Digo muito disparate,
 Mas só rendo obediência
 À virtude, à inteligência:
 Eis aqui o Getulino
 (GAMA, 1861, p. 138-9)

Já na abertura do poema, referido também como **A Bodarrada**, o autor se apresenta e descreve sua condição social. Alerta para o comportamento moral duvidoso das elites e diz que prefere viver longe dessa gente; não se importa de ter poucos amigos, desde que sinceros. De modo irônico, afirma que não se considera um grande poeta, dado o tipo de vocabulário que utiliza em seus versos. Confessa que admira os portadores de grande capacidade intelectual (SILVA, 1954). Vale observar o uso do pseudônimo Getulino, uma prática comum na época.

Se negro sou, ou sou bode
 Pouco importa. O que isto pode?
 Bodes há de toda a casta,
 Pois que a espécie é muito vasta...
 Há cinzentos, há rajados,
 Baios, pampas e malhados,
 Bodes negros, bodes brancos,
 E, sejamos todos francos,
 Uns plebeus, e outros nobres,
 Bodes ricos, bodes pobres,
 Bodes sábios, importantes,
 E também alguns tratantes...
 Aqui, nesta boa terra,
 Marram todos, tudo berra;
 (GAMA, 1861, p. 141-2)

Ao longo do poema, Gama revela que “bode” era um termo usado (de modo pejorativo) em alusão a negros, mulatos e mestiços; com isso, o autor assume mais uma vez o seu pertencimento étnico. Ressalta a hipocrisia com que certos setores da sociedade tratavam a questão racial, visto que rejeitavam qualquer ascendência africana. Nas palavras de Martins (1996, p. 96),

[O] poeta baiano transcende a mera resposta individual para criar uma imagem coletiva: não apenas ele, Luiz Gama, é “bode”; na realidade, todos os brasileiros são “bodes”, ou seja, quer queiram quer não, todos os brasileiros participam da mesma base étnica que inclui uma grande participação negra.

Em outro poema, **Sortimentos de gorras**, Gama deixa claro o seu engajamento político em favor da libertação dos escravos, o que não o impedia de questionar o comportamento evasivo de alguns negros e mestiços, que negavam ou escondiam a ascendência africana. Esperava despertar, dessa maneira, o bom senso entre aqueles “irmãos” que, tendo ascendido socialmente, passaram então a se apresentar como “mulatos”; para isso, recorria ao mito da supremacia racial.

Se os *nobres* desta terra empanturrados,
 Em Guiné têm parentes enterrados;
 E, cedendo à prosápia, ou duros vícios,
 Esquecendo os negrinhos seus patrícios;
 Se mulatos de cor esbranquiçada,
 Já se julgam de origem refinada,
 E, curvos à mania que os domina,
 Desprezam a *vovó* que é preta-mina:
 Não te espantes, ó Leitor, da novidade,
 Pois que tudo no Brasil é raridade!
 (GAMA 1859, p. 24)

Luiz Gama também enalteceu a beleza da mulher negra, uma iniciativa inovadora no âmbito da poesia do século XIX, contrariando, assim, os cânones literários oitocentistas, que tinham a mulher branca europeia como padrão de beleza. Nesse sentido, merece destaque o poema **A cativa**, cuja leitura já despertou admiração em muitos escritores contemporâneos, como Zilá Bernd (1992), Cuti (2010), Conceição Evaristo (2007) e Eduardo de Assis Duarte (2010).

Como era linda, meu Deus!
 Não tinha da neve a cor,
 Mas no moreno semblante
 Brilhavam raios de amor. [...]

As madeixas crespas negras
 Sobre o seio lhe pendiam,
 Onde os castos pomos de ouro
 Amorosos se escondiam.

Tinha o colo acetinado
 – Era o corpo uma pintura –
 E no peito palpitante
 Um sacrário de ternura.
 (GAMA 1859, p. 163-4)

A consciência étnica se faz presente na descrição de aspectos e traços africanos. Tal descrição era interpretada por seus inimigos como uma ousadia, mas que hoje talvez seja mais facilmente compreendida, sobretudo quando nos lembramos dos atributos que ele associou à figura da própria mãe. Antecedido pelo mote “E não pôde negar ser meu parente!”, o soneto **Sou nobre**, e de **linhagem sublimada** ressalta o tom de orgulho pelas origens africanas, desmascarando o discurso daqueles que ocultavam a ascendência negra, sobretudo quando passavam a ocupar uma posição de prestígio.

Sou nobre, e de linhagem sublimada,
 Descendo, em linha reta dos *Pegados*,
 Cujas lanças ferozes desbaratados
 Fez tremer os guerreiros da Cruzada!

Minha mãe, que é de proa alcantilada,
 Vem da raça dos Reis mais afamados;
 – Blasonava entre um bando de pasmados.
 Certo parvo de casta *morenada*.

Eis que brada um peralta retumbante;
 “– Teu avô, que de cor era latente,
 “Teve um neto mulato e mui pedante!”
 (GAMA, 1861, p. 43)

Em sua luta contra a discriminação e a indiferença, ele escreveu o poema **No cemitério de S. Benedito**. Para justificar o descaso e o preconceito, imaginava-se que o negro, diferentemente do branco, não teria alma, dada a cor preta de sua pele. Indo de encontro a esse preconceito, o poeta baiano idealiza um sepultamento digno a um escravo recém-falecido.

Em lúgubre recinto escuro e frio,
 Onde reina o silêncio aos mortos dado,
 Entre quatro paredes descoradas,
 Que o caprichoso luxo não adorna,
 Jaz de terra coberto humano corpo,
 Que escravo sucumbiu, livre nascendo!
 Das hórridas cadeias desprendido,
 Que só forjam sacrílegos tiranos,
 Dorme o sono feliz da eternidade.

Não cercam a morada lutuosa
 Os salgueiros, os fúnebres ciprestes,
 Nem lhe guarda os umbrais da sepultura
 Pesada laje de espartano mármore,
 Somente levantado em quadro negro
 Epitáfio se lê, que impõe silêncio!

– Descansam neste lar caliginoso
 O mísero cativo, o desgraçado!...
 (GAMA 1859, p. 112-3)

No poema de abertura do livro, **Prólogo** (*Prótase*, na 2ª edição), Luiz Gama já informa ao leitor a respeito do lugar que ocupava naquela sociedade estratificada e hierarquizada, não apenas com base em riquezas materiais, mas também de acordo com a cor da pele. Diz ainda que, para falar de sua gente e denunciar os privilégios da elite dominante, ele não necessitava de palavras rebuscadas ou maneirismos. Ao contrário, de um modo direto e destemido, explicita o tratamento excludente que era imposto tanto aos negros quanto aos pobres. Essa é, aliás, a matéria-prima da poesia satírica, utilizada por ele para desnudar o tecido social.

No meu cantinho,
 Encolhidinho,
 Mansinho e quedo,
 Banindo o medo;
 Do torpe mundo,
 Tão furibundo,
 Em fria prosa
 Fastidiosa –
 O que estou vendo
 Vou descrevendo.
 Se de um quadrado
 Fizer um ovo
 Nisso dou provas
 De escritor novo.

Sobre as abas sentado do Parnaso,
 Pois que subir não pude ao alto cume,
 Qual pobre, de um Mosteiro à Portaria,
 De trovas fabriquei este volume. [...]

São rimas de tarelo, atropeladas,
 Sem metro, sem cadência e sem bitola,
 Que formam no papel um ziguezague,
 Como os passos de rengo manquitola.
 Grosseiras produções d'inculta mente,
 Em horas de pachorra construídas;
 Mas filhas de um bestunto que não rende
 Torpe lisonja às almas fementidas. [...]

E podem colocar-se à retaguarda
 Os venerandos sábios de influência;
 Que o trovista respeita submisso,
 Honra, pátria, virtude, inteligência.

Só corta, com vontade, nos malandros,
 Que fazem da Nação seu Montepio;
 No remisso empregado, sacripante,
 No lorpa, no peralta e no vadio. [...]
 (GAMA, 1859, p. 5-7)

O poeta não deixa de falar do seu próprio processo de criação, explicando ao leitor que não precisava se isolar ou aguardar alguma inspiração especial para escrever seus versos. Era só olhar à sua volta, decodificando os problemas que caracterizavam a sociedade brasileira de então. De resto, ele não escondeu as dificuldades que enfrentou para publicar o seu livro, tanto pelas limitações econômicas como também pelo fato de viver em um contexto tão pouco amistoso a um autor negro (MENUCCI, 1938). Apesar disso, ri de si mesmo, ironicamente, talvez porque pressentisse a repercussão e os efeitos que a obra teria sobre alguns renomados escritores oitocentistas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como evidenciamos por meio da discussão acima, ambos os assim chamados precursores da literatura negra utilizaram suas obras para expressar preocupações raciais, ainda que o tenham feito de maneiras diferentes. O olhar dos estudiosos contemporâneos e a possível aproximação entre as obras de Firmina e Gama induz pensar melhor sobre uma nova forma de escrever e estudar a literatura brasileira, sobretudo em relação à contribuição relativa de cada um para com a configuração de uma revisão contemporânea do cânone literário romântico.

Os precursores da literatura de autoria negra, mesmo em um contexto social adverso, falaram, escreveram e publicaram suas obras – um legado valioso que nós herdamos. Essas obras serviram de inspiração a sucessivas gerações de escritores, e muitas delas continuam sendo lidas nos dias atuais, contribuindo tanto para a afirmação cultural da intelectualidade afrodescendente quanto para o desenvolvimento de uma visão mais ampla da sociedade brasileira no século XIX.

MARIA FIRMINA DOS REIS AND LUIZ GAMA: PRECURSORS OF BLACK LITERATURE

This paper presents and discusses the importance of the works *Úrsula* (1859), from Maria Firmina dos Reis, and *Trovas Burlescas de Getulino* (1859), from Luiz Gama, to the configuration of Brazil's Black Literature. Those authors are considered the precursors of that literary veil, which would only consolidate at the end of the 20th

century, in face of the appearance of black readers and researchers. The authors have in common the political activism in regards to the abolitionist cause, but they discussed the slave system through different approaches, due to their personal histories and experiences. The two works here analyzed, which deal with the dramas of slavery, are imbued with a critical discourse that also denounced Brazil's 19th century socio-economical system, and particularly those who benefitted from the exploration of slave labour, something that went against the literary canons of the time, which favored the European ideology. To demonstrate such traits, we proceed to an analysis of fragments of the two works and also resort to the reflections of some contemporary theorists, such as Lobo (1993), Duarte (2009), and Evaristo (2011), among others, to round up our argumentation.

Keywords: Romanticism. Brazilian novel. Precursors. Black Literature.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Elciene. **Orfeu da Carapinha**: a trajetória de Luiz Gama na imperial cidade de São Paulo. Campinas: UNICAMP, 1999.

BERND, Zilá. **Poesia Negra Brasileira**: antologia. Porto Alegre: AGE, 1992.

BRANDÃO, Roberto de Oliveira. A poesia satírica de Luiz Gama. **Revista da Biblioteca Mario de Andrade**, São Paulo. V.49, 1988. Disponível em: www.letras.ufmg.br/literafro. Acesso em: 02 de jan. 2020.

CÂMARA, Nelson. **O advogado dos escravos**. São Paulo: Lettera.doc, 2010.

CARPEAUX, Otto Maria. **Prosa e ficção do Romantismo**. In: Guinsburg, J. (Org.). O Romantismo. São Paulo: Perspectiva, 1978.

CUTI, Luiz Silva. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. **Fafka**. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

DUARTE, Eduardo de Assis. Maria Firmina dos Reis. E os primórdios da ficção afro-brasileira. In: **Literatura, política, identidade**. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

DUARTE, Eduardo de Assis. Maria Firmina dos Reis e os primórdios da ficção afro-brasileira. In: Reis, Maria Firmina dos. **Úrsula (romance); A escrava (conto)**. Florianópolis: Mulheres & PUC Minas, 2009.

DUARTE, Eduardo de Assis. Literatura e afro-descendência. In: PEREIRA, Edimilson de Almeida (Org.). **Um tigre na floresta de signos**: estudos sobre poesias e demandas sociais no Brasil. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.

EVARISTO, Conceição. **Literatura negra**. Rio de Janeiro: Cadernos CEAP, 2007.

EVARISTO, Conceição. **Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade**. SILVA, Denise Almeida; EVARISTO, Conceição (Orgs.). In: Literatura, história, etnicidade e educação. Frederico Westphalen: Editora URI, 2011.

FERREIRA, Ligia Fonseca. **Com a palavra Luiz Gama**: poemas, artigos, cartas, máximas. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2011.

GAMA, Luiz. **Primeiras trovas burlescas de Getulino**. São Paulo: Tipografia Dois de Dezembro, 1859.

GAMA, Luiz. **Primeiras trovas burlescas de Getulino**. 2ª edição correcta e aumentada, Rio de Janeiro: Tipografia de Pinheiro e Cia., 1861.

IANNI, Octávio. Literatura e consciência. In: DUARTE, Eduardo de Assis; FONSECA, Maria Nazareth Soares (Orgs.). **Literatura e afrodescendência**: Antologia Crítica, v. 4, p. 183-198. Belo Horizonte: Editora UFMG (Humanitas), 2011.

LOBO, Luiza. **Crítica sem juízo**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.

MARTINS, Heitor. **Luiz Gama e a consciência negra na literatura brasileira**. 1996. Disponível em: <www.afroasia.ufba.br/>. Acesso em 29 jun. 2019.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Lisboa: Antígona, 2014.

MENUCCI, Sud. **O precursor do abolicionismo no Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.

MORAIS FILHO, José Nascimento. **Maria Firmina dos Reis**: fragmentos de uma vida. São Luís: Governo do Estado do Maranhão, 1975.

MOTT, Maria Lúcia de Barros. **Submissão e resistência**. SP: Contexto, 1991.

MUZART, Zahidé Lupinacci. Uma pioneira: Maria Firmina dos Reis. In: Constância Lima Duarte... [et al.] **Maria Firmina dos Reis**: facas de uma precursora. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

NASCIMENTO, Juliano Carrupt do. **O negro e a mulher em Úrsula de Maria Firmina dos Reis**. Rio de Janeiro: Caetés, 2009.

OLIVEIRA, Silvio. Séculos de arte e literatura negra. In: SOUZA, Florentina; LIMA, Maria Nazaré, (Orgs.). **Literatura afro-brasileira**, p. 39-76. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

PEREIRA, Edmilson de Almeida. **Um tigre na floresta de tigres**: estudos sobre poesias e demandas sociais no Brasil. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.

PINTO-BAILEY, Cristina Ferreira. A escrava, de Maria Firmina dos Reis. In: Constância Lima Duarte... [et al.] **Maria Firmina dos Reis**: faces de uma precursora. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. São Luís: Tipografia do Progresso, 1859.

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula (romance); A escrava (conto)**. Florianópolis: Editora Mulheres/ Belo Horizonte: PUC Minas, 2004.

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula (romance); A escrava (conto)**. Edição comemorativa dos 150 anos da 1ª edição. Atualização do texto e posfácio de Eduardo de Assis Duarte. Florianópolis: Editora Mulheres/ Belo Horizonte: Puc Minas, 2009.

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. 7. ed. Atualização do texto. Contextualização histórica e posfácio de Eduardo de Assis Duarte. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2018.

SAID, Edward W. **Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SANTOS, Luiz Carlos. **Luiz Gama: retratos do Brasil Negro**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

SILVA, J. Romão. **Luiz Gama e suas Poesias Satíricas**. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1954.

TELLES, Norma. **Encantações**. SP, Intermeios, 2012.

TOLEDO, Rilza Rodrigues. *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis: arma de combate marcando a presença da mulher escritora na Literatura Brasileira. In: Constância Lima Duarte... [et al.] **Maria Firmina dos Reis**: faces de uma precursora. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

ZIN, Rafael Balseiro. Maria Firmina dos Reis e seu conto A escrava: consolidando uma escrita abolicionista. In: Constância Lima Duarte... [et al.] **Maria Firmina dos Reis**: faces de uma precursora. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

ZIN, Rafael Balseiro. **Maria Firmina dos Reis**: a trajetória intelectual de uma escritora afrodescendente no Brasil oitocentista. São Paulo: Aetia Editorial, 2019.